

De Irecê aos fundos do TCU

Tangido de Irecê (BA) pela seca e a fome, um grupo de cerca de 300 migrantes instalou-se, há cerca de quatro anos, numa área de cerrado, nos fundos do Tribunal de Contas da União (TCU), a menos de 500 metros da Praça dos Três Poderes e da Esplanada dos Ministérios. Hoje os moradores do local sobrevivem da cata de papel e alimentam a esperança de ganharem um lote do Governo.

Em meio à miséria em que vivem, numa coisa eles são unâmes: "Se tivessem um local para plantar e produzir alimentos, jamais viriam para a periferia da cidade grande". O lavrador Jonas Abilio Machado, 43 anos, é o exemplo típico da pessoa deslocada do meio rural e que não consegue se firmar como homem da cidade.

Pai de nove filhos, divide o pequeno barraco de madeira onde mora — debaixo de um pequiseiro com outra família de migrantes, perfazendo um total de 25 pessoas em dois cômodos, que ocupa um espaço de 3x3m. "Todos dormem no chão, sobre um velho carpete encontrado no lixo", explica a mulher de Jonas, Gilvanete Maria de Jesus.

Segundo Jonas, em sua família todos ajudam a catar papel nos containers fixados próximo aos ministérios. "Desde Joanito, 22 anos, a Poliana, de 2 anos de idade".

Nos 47 barracos de madeira, cercado de sacos de lixo, residem cerca de 300 pessoas, em péssimas condições de higiene e acomodação. A comida é preparada em fogões de lenha improvisados do lado de fora dos barracos.

"As únicas visitas que recebemos aqui são de fiscais do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo) e da administração de Brasília. Todos querem nos retirar daqui, sem uma perspectiva de fixação em outro lugar", queixa-se o catador de papel Márcio Soares da Silva, o único do grupo que veio de Barreiras (BA). Os moradores reclamam da falta de assistência da Fundação do Serviço Social (FSS).

"Vieremos parar aqui porque estávamos passando fome em Irecê (BA) e devido à seca não havia mais trabalho", assegura o lavrador. Com a cata de papel, Jonas e sua família arrecadam entre R\$ 100,00 e R\$ 150,00, por mês. O suficiente para comprar arroz e feijão para alimentar a família.

A maioria dos invasores do local veio da Bahia de carona em caminhões pau-de-arara. O lavrador Expedito Agostinho da Silva, 56 anos, veio com a mulher, Ilza da Silva, oito filhos, quatro netos e um genro. "Fugimos da seca e da fome, pois um dia de trabalho em Irecê vale apenas R\$ 2,00, quando tem trabalho", diz. Aqui, um quilo de papel é vendido por R\$ 11,00.

Na mesma situação estão os invasores que moram embaixo da passagem de nível da quadra 213/14; da Ponte do Bragueto, no final do Eixo Rodoviário Norte; do Parque Ecológico Norte e parte da antiga invasão do Ceub; da ponte sobre o Córrego Bananal, na rodovia BR-020, próximo à Água Mineral; da invasão perto da Embrapa, entre outras. (J.V.)



O Geturb prioriza a retirada de invasores das áreas dos poderes